

METROPOLE

SSA-BA

TURMA DO FUNDAO

Em ano marcado por investigações de fraude e desvio em verbas públicas de campanhas, Fundo Eleitoral vai distribuir quase R\$ 5 bilhões aos candidatos. Págs 2 a 4

11 JUL 2024



Prego da Metropole relembra denúncias de desvios e fraudes em Fundo Eleitoral. Pág. 7



Jornalista Bob Fernandes discute conceito de mercado e comenta caso da Lojas Americanas. Pág. 12



Postes, muros e pontos de ônibus dão lugar a pichações e cartazes, deixando prejuízo de R\$ 45 mil por mês. Pág. 15

De fundo cheio

Criado em 2015 para coibir financiamento privado de campanha, Fundo Eleitoral vai distribuir neste ano R\$ 4,9 bilhões a candidatos depois acumular escândalos e até casos de polícias



tomaz silva/agencia brasil

Texto **Jairo Costa Jr.**

jairo.costa@radiometropole.com.br

O atual modelo de financiamento de campanha confirma aquilo que todo brasileiro minimamente informado já sabe há tempos: quando se trata de política, nada é tão ruim que não possa piorar. A princípio, a ideia era boa. Em meio ao clamor provocado pela Lava Jato, que escancarou a rede de corrupção e caixa dois operada no conluio nada republicano de grandes empresários com concorrentes aos mais variados cargos eletivos, o Supremo Tribunal Federal (STF) chamou para si a responsabilidade de mudar o sistema. Mas o sistema, como diria o célebre Capitão Nascimento da Tropa de Elite, “é foda, parceiro!”. O resultado foi a criação de um imenso sorvedouro de recursos públicos, que alcançou este ano o montante de quase R\$ 5 bilhões destinados a bancar candidaturas em todos os municípios. Obviamente, às expensas do meu, do seu, do nosso bolso. Para completar, gerou um formato ainda mais distorcido e excludente.

NA BANDEIRA DA ANTI-CORRUPÇÃO

Para entender como a lambança foi parida, é preciso retroceder a 2015. À época, o Brasil sequer havia curado as feridas do tumultuado duelo presidencial travado entre Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB) cerca de um ano antes. Ainda assim, se viu sacudido por escândalos em série que abalaram os altos escalões do poder e a confiança no sistema eleitoral como pilar da chamada democracia representativa, origem do que viria a ser batizado depois de “nova política”. O lavajatismo, ainda tímido em seus ensaios de poder a qualquer custo, tinha virado o oxigênio de movimentos que arvoravam para si a bandeira nacional da anticorrupção e escolheram o financiamento privado de campanha como o grande demônio a ser exorcizado do lodaçal de Brasília. Em um claro exemplo de que o STF é, sim, bastante sensível à opinião pública, 8 dos 11 ministros da Corte Suprema decidiram, em 19 de setembro daquele ano, proibir as doações empresariais a candidatos e

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Daniela Gonzalez, Jairo Costa Jr, Kamille Martinho e Laisa Gama**
Revisão **Redação**

Comercial (71) 3505-5022
comercial@jornaldametropole.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambués - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

partidos nas eleições.

A regra começou a valer já na sucessão municipal de 2016, quando as campanhas foram custeadas por doações de pessoas físicas e pelo Fundo Partidário, verba repassada mensalmente pela Justiça Eleitoral, a maioria com recursos do orçamento da União, para pagar despesas relativas ao funcionamento das legendas políticas e demais atividades, legais ou não. Após a contagem das urnas, começou o lenga-lenga. Governadores, prefeitos, senadores, deputados, vereadores e dirigentes de partidos se uniram com disposição para recheiar o bolo, sob o argumento de que uma campanha, para ter competitividade, demanda gastos enormes. Incluindo aí profissionais qualificados dos mais diversos ramos, equipamentos de ponta, pessoal de apoio, material gráfico, transporte, estrutura de eventos fechados ou abertos e equipe dedicada somente à publicidade em televisão, rádio, internet e redes sociais.

SOBRA SEMPRE PARA O CONTRIBUINTE

A queixa foi de que a decisão do Supremo, apesar do propósito nobre de reduzir a influência do poder econômico na disputa, não resolveu a principal equação para os políticos que sonhavam com o retorno das vagas gordas no período em que elas tinham ficado magras. Ou seja, de onde sairia a grana para bancar campanhas minimamente decentes? Isso porque, até a proibição do STF, as doações empresariais respondiam por aproximadamente 70% da conta, de acordo com estudos anexados à ação de inconstitucionalidade ajuizada pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), origem do veto imposto pelo Supremo. A solução, como não era difícil prever, recaiu sobre os ombros do contribuinte, a partir de uma conjunção de esforços concentrados do Congresso Nacional com o Palácio do Planalto e após um processo consolidado em 6 de outubro de 2017, data em que o então presidente Michel Temer (MDB) sancionou a

minirreforma reforma eleitoral.

Entre os pontos aprovados a toque de caixa por deputados e senadores a tempo de valer para eleições gerais de 2018, um deles instituía o Fundo Especial de Financiamento de Campanha, que se tornou popularmente conhecido como Fundo Eleitoral. De pronto, o dispositivo previa pouco mais de R\$ 1,7 bilhão voltado a bancar a aventura dos candidatos em busca do primeiro ou de um novo mandato. A distribuição da soma obedece à seguinte fórmula, com razoável complexidade: 2% divididos de forma equânime entre todas as legendas legalizadas junto ao TSE; 35% repartidos entre os partidos com pelo menos um representante na Câmara, de acordo com o percentual de votos obtidos na última eleição; 48% fatiados pelas siglas à proporção do número de representantes na Câmara no momento da eleição; e 15% entre as legendas com assento no Senado, também conforme a quantidade de parlamentares eleitos. Trocando em miúdos, os mais fortes no Congresso ganharam o direito a porções maiores dos cofres públicos.

Nada de fundinho, eles querem o Fundão

Embora as siglas tivessem direito a somar a nova fonte ao Fundo Partidário para colocar a campanha em campo, a classe política ainda achava pouco - a velha história de quem basta receber o dedo para cobiçar o braço. A primeira esticadinha foi tímida. Na sucessão municipal de 2020, a fatura subiu para R\$ 2,03 bilhões. O que representou um incremento de R\$ 200 milhões. Novamente, a turma do Parlamento torceu o nariz para a cifra. Em vez do "Fundinho", queriam o "Fundão". O desejo começou a tomar forma em 2021. Antes de avançar no tempo, vale entender um detalhe essencial. O valor repassado para financiar campanhas é definido pela Lei Orçamentária Anual (LOA), proposta do Poder Executivo que recebe ajustes do Congresso Nacional e é posteriormente sancionada pelo presidente da República, com vetos ou não.

Decididos a vitaminar o fundo com horizonte das eleições gerais de 2022, deputados e senadores aprovaram um artigo que elevava a soma para espantosos R\$ 5,7 bilhões, mais que o dobro da cota anterior e do valor proposto pelo governo Jair Bolsonaro, que era de R\$ 2,1 bilhões. O próprio Bolsonaro vetou o trecho em agosto de 2021, mas base aliada e oposição mostraram quem é que mandava na parada e derrubaram o veto em dezembro.

Diante dos desgastes causados pelo plus bilionário, os parlamentares chegaram a um acordo com o então presidente e enxugaram o montante para R\$ 4,9 bilhões. Usaram a justificativa de que, dessa vez, o número de candidatos era bem maior, já que os eleitores teriam que escolher presidente, governadores, senadores, deputados federais e estaduais.

Como se desdissem tudo aquilo que disseram antes, o valor foi praticamente mantido para a sucessão municipal deste ano, mesmo que seja uma corrida menos dispendiosa, para usar o discurso adotado em 2021 como desculpa para enlarguecer

a roda da fortuna. Em 17 de junho, o TSE divulgou o valor oficial do Fundão: R\$ 4,96 bilhões, repartidos entre 29 partidos. O montante servirá para impulsionar a candidatura de prefeitos, vices e vereadores em todo o país, tido como antessala para a sucessão de 2026. Nesse jogo de reduzir o desequilíbrio nos confrontos eleitorais causado pelo financiamento privado para depois mantê-lo, agora com recursos públicos, quem se deu bem de fato foi o PL, que no espaço de meia década se transformou em um fenômeno de sucesso na história recente dos partidos políticos brasileiros.



mario agra/camara dos deputados



Bolsonarismo bom de bolso

Fundado em 1985 em 1985, como uma das crias da extinta Arena, legenda da ditadura militar pós-1964, o partido permaneceu por muito tempo como um apêndice das siglas da direita. Em especial, do também extinto PFL. Na Bahia, por exemplo, serviu durante anos aos interesses do carlismo, corrente política liderada por Antonio Carlos Magalhães. Sempre pertenceu à base de todos os presidentes desde a redemocratização: Fernando Collor, Itamar Franco, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. De grão em grão, a galinha do PL foi enchendo o papo. Especialmente, sob a batuta do controverso ex-deputado Valdemar Costa Neto, corrupto confesso do mensalão. Na eleição de 2018, emplacou apenas 33 deputados federais. O grande salto veio em 2022, no rastro do ingresso de Jair Bolsonaro.

Com 95 parlamentares eleitos nas últimas eleições gerais e o incremento substancial do Fundão, o PL será a legenda com o maior volume de recursos disponíveis para a campanha, com nada menos que R\$ 886 milhões, ante R\$ 238 milhões amalhados em 2022. Somados aos repasses do Fundo Partidário, a legenda se torna a primeira a romper a marca de R\$ 1 bilhão na cota reservada às siglas desde 2016. O sucesso se deve à migração em massa de

bolsonaristas após o surgimento do União Brasil, fruto da fusão do DEM (ex-PFL) com o PSL, pelo qual o ex-presidente foi eleito em 2018. Com tanta grana em caixa, não pensa em outra coisa a não ser ampliar o número de prefeitos e, por relação de causa e efeito, a quantidade de representantes na Câmara e no Senado, para continuar ganhando mais dinheiro no ciclo infinito vicioso do financiamento público. Mas não está sozinho no tabuleiro.

Dono da segunda maior bancada na Câmara, o PT aparece em segundo no ranking. Somados os dois fundos, terá à disposição R\$ 754 milhões. Na terceira colocação, vem o União Brasil, com R\$ 644. PP e PSD ocupam o quarto e quinto lugares, com R\$ 507 milhões e R\$ 501 milhões, respectivamente. MDB (R\$ 485 milhões) e Republicanos (R\$ 427 milhões) também receberão fatias generosas. Considerando apenas o montante destinado pelo Fundão, estes sete partidos concentrarão 72% do pote de ouro para a campanha. A discrepância em relação às demais é enorme. Legendas tradicionais ficaram bem atrás. Casos do PDT (R\$ 217 milhões), PSB (R\$ 195 milhões), PSDB (R\$ 175 milhões) e PCdoB (R\$ 74 milhões). Com tamanha discrepância, os fracos continuarão sem vez, assim como era nos tempos das doações empresariais.

Turbinados para a eleição

10 partidos com maior volume de recursos para a campanha deste ano (em milhões de reais)

	R\$
PL	1,04 bi
PT	754
União Brasil	644
PP	507
PSD	501
MDB	485
Republicanos	427
Podemos	284
PDT	217
PSB	195

Fonte: TSE

ESPECIAL

METROPOLE

manuela cavadas/metropress



Fundão vira caso de polícia

Com tanto dinheiro disponível para alimentar a ganância dos partidos e a tendência à corrupção que caracteriza a política brasileira, ilegalidades com os fundos partidário e eleitoral volta e meia viram caso de polícia. O mais recente esquema foi alvo de uma operação deflagrada em 12 de junho deste ano pela Polícia Federal (PF) e batizada jocosamente de Fundo do Poço. Entre os investigados, está o presidente nacional do Solidariedade, Eurípedes Gomes Júnior, preso preventivamente há quase um mês (*confira mais na página 7*).

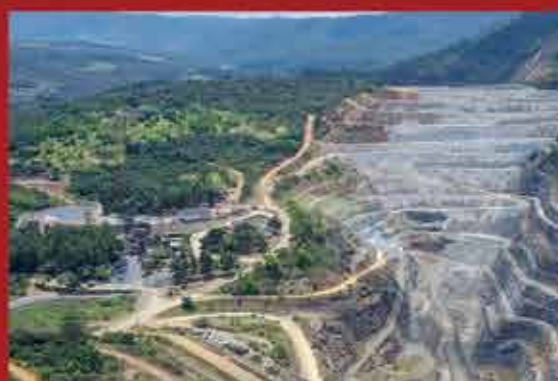
Também em junho deste ano, o Tribunal Regional Eleitoral do Amapá cassou o mandato da deputada federal Silvia Waiãpi (PL) por uso ilegal do Fundo Eleitoral durante a sucessão de 2022. De acordo com a denúncia apresentada pelo Ministério Público, a então candidata desviou R\$ 9 mil para pagar uma harmonização facial em plena campanha.

Onde tem Ferbasa, tem desenvolvimento, cidadania e sustentabilidade

Você sabia que uma empresa baiana é líder nacional na produção de ferroligas e detém 95% dos recursos de cromita de todo o país?

Somos a Ferbasa - única produtora integrada de ferrocromo das Américas e uma das dez maiores indústrias em operação na Bahia. A maior parcela do nosso portfólio é destinada ao setor siderúrgico e à fabricação de aços inoxidáveis e especiais, atendendo aos mercados interno e externo, em especial países como Japão, Estados Unidos e União Europeia.

E todo o êxito nos negócios é refletido em benefícios diretos para a sociedade, por meio da oferta de educação de qualidade e gratuita para cerca de 4 mil crianças e adolescentes baianos pela nossa acionista majoritária, a Fundação José Carvalho.



ferbasa.com.br





De uma aberração a outra

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

Faltam recursos para que os brasileiros que não podem pagar uma escola privada e é praticamente lugar-comum que no Brasil profundo crianças não possam ir à escola porque não têm transporte e que algumas escolas não tenham o básico, como carteiras, quadro na parede, água potável e material didático. O SUS, que é conceitualmente uma das melhores engrenagens do mundo quando se fala em política pública de saúde de caráter universal, comumente não pode oferecer o básico ao cidadão: uma consulta médica ou a realização de um exame que pode ser a diferença entre viver e morrer.

A justificativa genérica que o cidadão comum ouve ou lê todos os dias na imprensa e da boca de políticos e de autoridades econômicas e orçamentárias é que não há recursos públicos suficientes e disponíveis para isso. É um mantra a tese de que o país precisa reduzir custos, cortar despesas, eliminar privilégios para que o país tenha saúde financeira e possa crescer e desenvolver-se. Um exemplo de agora: as universidades públicas estão aí, su-

cateadas, saindo de uma greve e sem garantias de melhorias estruturais porque não há dinheiro para isso nos cofres públicos.

A EXTINÇÃO DA CORRUPÇÃO

Apesar do perrengue em que vivem todos os brasileiros que dependem exclusivamente dos serviços públicos, batem a cara na porta da tese da falta de recursos e veem suas necessidades negadas pela falta de dinheiro no orçamento da União, a casta política desconhece escassez. Estamos em ano eleitoral, e nada menos do que 4,9 bilhões de reais - bilhões - foram generosamente dragados para o Fundo Eleitoral, cujo nome pomposo é Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC), criado para que os partidos financiem as campanhas eleitorais de seus candidatos nas eleições de outubro.

Façam as contas do que são 4,9 bilhões saindo dos cofres públicos para financiar campanhas. Comparar isso a prêmios acumulados de loterias ajuda a dar uma ideia do valor. Quando somado

a outro fundo abastecido com dinheiro público, o Fundo Partidário, essa soma sobe para 6 bilhões de reais. Somente o PL, o partido de Jair Bolsonaro, tem no bolso para a farra eleitoral deste ano R\$ 1,4 bilhão de reais, seguido pelo PT, com 754 milhões e pelo União Brasil, com 644 milhões, levando em conta o número de deputados federais eleitos em cada legenda em 2022. A explicação para esse gasto público? Evitar a aberração de empresários financiando campanhas e se beneficiando depois, via corrupção. Como se sabe, o Fundo Eleitoral exterminou a corrupção entre empresas e políticos eleitos.

Façam as contas do que são 4,9 bilhões saindo dos cofres públicos para financiar campanhas





Fugiu, fugiu e se entregou

O caso mais recente envolvendo desvio de Fundo Eleitoral veio há poucos dias e acabou com a prisão de sete pessoas. Seis delas tiveram mandados de prisão cumpridos em uma operação no último dia 12. A outra deu o seu melhor no estilo Tom e Jerry e conseguiu se manter foragido por quatro dias, mas acabou se entregando à Polícia Federal em Brasília após a repercussão inesperada do caso. E não é qualquer pessoa, trata-se do agora ex-presidente do Solidariedade Eurípedes Gomes, que segue preso desde então. A Justiça Eleitoral do Distrito Federal o tornou réu por desvios de verbas eleitorais e partidárias nas eleições de 2022, pelo PROS, partido que no ano

seguinte foi incorporado pelo Solidariedade. Eurípedes é suspeito de liderar uma organização criminosa responsável pelo desvio de uma bagatela de R\$ 36 milhões de verbas eleitorais. Segundo a investigação, o esquema não tinha nada de criativo: eles colocavam laranjas para se candidatar e se apropriavam do dinheiro recebido por essas candidaturas. Agora, os alvos da operação são investigados por uma longa lista de crimes - organização criminosa, lavagem de dinheiro, furto qualificado, apropriação indébita, falsidade ideológica eleitoral e apropriação de recursos destinados ao financiamento eleitoral.

zeca ribeiro/camara dos deputados



gustavo mansur/palacio piratini



Tudo pelo diretório

Até ex-ministro tem denúncia de desvio de Fundo Eleitoral no currículo. Marcelo Álvaro Antônio, ex-comandante do Turismo no governo Bolsonaro, foi uma das 11 pessoas denunciadas pelo Ministério Público Eleitoral de Minas Gerais por crimes envolvendo candidaturas-laranja do PSL, em 2018. Segundo a denúncia, o esquema era muito parecido com o do PROS: inscreviam mulheres para se candidatar ao pleito e desviavam a verba para empresas de pessoas ligadas ao diretório estadual do PSL.

Urgência pra quem?

Até tem uma iniciativa ou outra reavaliando o Fundo Eleitoral. Neste ano, o senador gaúcho Irineu Orth (PP) apresentou um projeto que propõe destinar R\$ 2,2 bilhões do montante para apoiar as obras de reconstrução do Rio Grande do Sul. No estado, a situação ainda é de urgência, mas no Congresso a velocidade é outra. O projeto segue, desde sua primeira movimentação, em maio, na Comissão de Assuntos Econômicos. A tendência é que por lá mesmo fique.

vinicius lourdes/camara dos deputados



Beleza natural

As denúncias sobre uso indevido do Fundo Eleitoral podem ir muito além e chegar até o consultório de um dentista. No Amapá, por exemplo, o Tribunal Regional Eleitoral (TRE) do Amapá determinou a cassação do mandato da deputada federal Sílvia Waiãpi (PL), após o Ministério Público Eleitoral a denunciar por usar recurso para custear um procedimento de harmonização facial. O *up* no visual teria custado aos cofres públicos, segundo depoimento da coordenadora de campanha, R\$ 9 mil. A deputada alega que querem “assassinar sua reputação”, e nega a acusação e até mesmo a realização do procedimento. Não é para menos, onde já se viu ela precisar de harmonização facial?



Do fundo do poço ao fundo do baú

James Martins

Minha mãe sempre me disse duas coisas, que eu faço questão de lembrar a cada ano eleitoral desde a implantação do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC), em 2017: 1 - Quem se abaixa demais, o fundo aparece. 2 - Tome cuidado com a turma do fundão. Pois bem, não sei o que é pior, ter as campanhas políticas patrocinadas por empresas privadas, que certamente vão querer sua pontinha de volta com juro e correção, ou ter que pagar a bandalheira toda com recursos públicos (isto é, com nosso suado dinheiro) que aumentam a cada ano para esse fim.

O Fundão Eleitoral é a comprovação de que, no Brasil, a dedada vem de todo lado. E não adianta encostar na parede...

Para se ter uma ideia, em 2021 os parlamentares aprovaram o envio de R\$ 5,7 bilhões da União para financiamento de campanhas. Ou seja, para o fundão eleitoral. Recursos que serão utilizados (além daqueles não assumi-

damente voltados a esse objetivo, como as famosas emendas) para as propagandas dos mesmos parlamentares que aprovaram. E, como a gente tá cansado de saber, a tendência é que as “necessidades” dos partidos e dos candidatos aumentem a cada pleito. O que impressiona mesmo é que, quando se quer, o Brasil acha dinheiro onde (dizia que) não tinha.

Saúde, Educação, Segurança, Previdência... todos os serviços essenciais vivem de cuia na mão. Mas, quando é para o que interessa aos portadores das canetas, as reservas do fundo do colchão se mostram polpudas e volumosas. E quanto desses bilhões serão investidos naqueles satânicos santinhos que emporcalham as ruas nas famosas bocas de urna? Vale usar o recurso para impulsionar postagem no Instagram? Enfim, minha mãe me aconselhou mal, eu devia era entrar para a turma do fundão, e deixar de ser besta!


O que impressiona mesmo é que, quando se quer, o Brasil acha dinheiro onde (dizia que) não tinha

Enfim, minha mãe me aconselhou mal, eu devia era entrar para a turma do fundão, e deixar de ser besta!



tacio moreira/metropress





A cada dia 320 crianças e adolescentes sofrem situações de violência sexual no Brasil.

A Morya repara e trabalha para fazer a diferença na comunicação.

Quando uma boa ideia nasce para abraçar uma causa relevante para a sociedade, a gente se orgulha ainda mais do resultado.

Assim foi a campanha de combate à violência sexual contra crianças e adolescentes para o Ministério Público da Bahia:

a publicidade com propósito que a gente acredita e apoia.



Quer ver
como ficou?
É só ler
o QR Code



68 anos

Agência de Publicidade.
DNA Fernando Carvalho.

Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Por que o Fundo Eleitoral não gosta de andar em linha reta?
Porque ele prefere desviar!

Só os loucos sabem

As pessoas vivem reclamando que estão sem dinheiro, mas no fundo, no fundo, a gente sabe que tem...

Lacerda

Porque os políticos perdiam de ano na escola?
Porque gostavam do fundão.

Buçanha

Fundo Eleitoral, fundo partidário, fundo do poço... o topo que é bom, nada.

Guto

Não existe político feio, existe político sem Fundo Eleitoral.

Fausto Silva

Gente, com tanto dinheiro que recebem do Fundo Eleitoral, ninguém consegue contratar um designer para fazer uma arte mais bonita para os santinhos? Por favor.

Boto Cor-de-rosa

O Fundo Eleitoral é como um túnel sem fim: quem entra nunca mais vê a luz do realidade financeira.

Zema

Com o Fundo Eleitoral, os políticos podem finalmente focar no que realmente importa: gastar mais dinheiro.

Robertinha

Sabe qual é a diferença entre o Fundo Eleitoral e uma fonte de desejos? Na fonte, você joga moedas e faz pedidos; no fundo eleitoral, eles jogam dinheiro e fazem promessas.

Romilda

Dizem que o fundo eleitoral é para campanhas, mas parece que algumas campanhas são para o Fundo Eleitoral.

Ana Maria

Já vou facilitar a vida dos políticos que querem comprar votos e mandar minha lista de desejos. Tem tanta gente para atrapalhar, por que não ajudamos um pouco?

Filho de Jack

O Fundo Eleitoral é a única coisa que cresce mais rápido que a dívida pública.

Joice

A maioria dos desvios do Fundo Eleitoral acontece através de candidatos laranjas que têm seus recursos surrupiados por outros membros do partido. Ou seja, o problema está sempre em dar seus fundos pra quem não merece.

Isso não é só sobre política.

Regina Jorge

Quantos santinhos são feitos com 4,9 bilhões de reais?

Juninho

No fundo, no fundo, no fundo, quem não é político só toma no fundo.

Linalva

O Fundo Eleitoral é tão generoso que até o Papai Noel está pensando em se candidatar.



Nei

O Fundo Eleitoral é como um buffet livre para políticos: eles se servem à vontade e quem paga a conta somos nós.

Ventiladora suada

Fui em um restaurante e pedi 2 vinhos sem olhar o preço. R\$ 1.650 reais cada um. Não são só os políticos que precisam de um Fundo Eleitoral!!!

Maná

Assistindo 'Casamento às Cegas' na Netflix, pensei: casar sem ver a pessoa é arriscado, mas não tão arriscado quanto esperar que o dinheiro do Fundo Eleitoral vá para onde deveria!

MC Donald

Certa é a deputada federal Silvia Waiãpi (PL-AP) que usou a verba do Fundo Eleitoral pra fazer harmonização facial. Tem tanta conexão que até rima. Ninguém pode fazer nada pelo país com a autoestima em baixa.

Flávia Vizinha

Fundo Eleitoral é igual à Copa América para o Brasil: a gente sempre acha que vai longe, mas no final das contas, quem ganha são os outros!

Seu João

O Fundo Eleitoral de R\$ 4,9 bilhões em 2024 é tão grande que dá pra pagar as pensões do Éder Militão e ainda sobra dinheiro para comprar um time inteiro para ele praticar pênaltis!

Alonso

Meu filho deve achar que a minha conta bancária é um buraco sem fundo.

Bebeto

A diferença entre a seleção brasileira e o Fundo Eleitoral é que o fundo pelo menos garante que todo mundo que entra em campo sai com algum dinheiro no bolso, mesmo sem ganhar.

Angélica

Estava aqui pensando... que tal arrecadarmos uma vakinha no valor do Fundo Eleitoral para essa jovem coordenadora de dicas necessitada? Segue a chave pix: kamillemartinho@gmail.com

Menina do Trânsito

Fundo Eleitoral é igual à piscina: sempre tem político querendo dar um mergulho.

Redação

Com ou sem ano eleitoral, não se esqueça: beba água.

Pedro Bial

Uma garrafa de pinga vale também.





O tal do mercado

Bob Fernandes

Jornalista

O tal do mercado na Economia, nas Ciências Sociais é um conceito que, em resumo, traduz os humanos comprando e vendendo seus produtos e serviços. Normal. Mas, quando eu ligo o rádio, a televisão às vezes e vejo as pessoas falando “o mercado”, elas estão falando basicamente de grana, jogo financeiro, Bolsa, etc. Quando você ouvir isso, encoste na parede, tá? Porque note a reverência com que falam “o mercado”, como se fosse um deus, onipresente, onisciente.

Então vamos traduzir um pouco sobre como opera o mercado a partir de grandes eventos deste século. Onde estavam os celebrados controladores finais das Lojas Americanas (Lemann, Telles e Sicupira, etc)? Como os Faria Limers venderam e compraram as Lojas Americanas sem perceber uma roubalheira de R\$ 27,5 bilhões? Onde estão os controladores finais quando a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) vai sendo privatizada com ações custando 10% menos do que valem?

Isso é uma atuação dentro do coração do mercado. Agora o maior exemplo deste século sobre o mercado: aquela crise financeira de 2007 a 2009, no nos Estados Unidos, que quebrou e desempregou na Espanha, Grécia, Portugal e mundo afora. Cinco anos depois, o Federal Reserve de Dallas calculou os custos da quebradeira nos EUA em US\$ 14 trilhões. Além disso, foram gastos mais US\$ 12,6 trilhões em ajuda ao setor financeiro. Ou seja, salvar o setor financeiro dessa gente que fala em neoliberalismo, em estado enxuto e a iniciativa privada custou isso, no dólar de hoje mais de R\$ 150 trilhões. Onde estavam as famosas agências de risco, aquelas que dão notas aos países, as rainhas desse mercado?


Uma comparação para a pessoa que não frequenta esse mundo do mercado: se você tem R\$ 1 milhão, R\$ 2 milhões ou R\$ 3 milhões e o banco quebrar, ela só vai receber R\$ 250 mil por CPF ou CNPJ.

** A análise foi feita pelo jornalista no programa **Três Pontos**, da **Rádio Metropole**, transmitido ao meio-dia às quintas-feiras*

Como os Faria Limers venderam e compraram as Lojas Americanas sem perceber uma roubalheira de R\$ 27,5 bilhões? Onde estão os controladores finais quando a Sabesp vai sendo privatizada com ações custando 10% menos do que valem?

ARTIGO

METROPOLE

três pontos 

com Mário Kertész, Janio de Freitas e Bob Fernandes

Todas as quintas ao meio-dia
Na Rádio e no Youtube.com/PortalMetro1
Reprise às sextas - 19h

Segure essa bomba

Gasolina em Salvador aumenta antes mesmo de anúncio oficial da Petrobras e revolta consumidores

Texto **Laisa Gama**
laisa.gama@metro1.com.br

Perdoem-nos o trocadilho, mas abastecer o carro em Salvador tem se tornado uma verdadeira bomba. Ainda mais depois que a Acelen e os postos de combustível da capital mostraram que são um tanto apressadinhos e vivem à frente do Brasil quando o assunto é reajuste. A Petrobras havia anunciado que, a partir de terça-feira (9), o preço do litro da gasolina aumentaria R\$ 0,20, passando a R\$ 3,01 o valor de revenda para as distribuidoras.

Quem se preparou para encher o tanque antes disso e aproveitar o valor antigo na segunda-feira (8) deu com os burros n'água, porque na Bahia os preços dos combustíveis são determinados pela Acelen, proprietária da Refinaria de Mataripe. Desde que a estatal encerrou o modelo de subordinação dos valores ao Preço de Paridade de importação (PPI), a empresa anunciou que não seguiria a política de preços da Petrobras. Sobrou, claro, para o consumidor.

Como a pressa é inimiga da perfeição, os cálculos não coincidiram. Enquanto a Petrobras reajustou a gasolina em 7,12% (ou R\$ 0,20), a Acelen anunciou um aumento de 3,1% - mas na prática a variação foi quase três vezes maior do que a da estatal. Postos de abastecimento em Salvador amanhecaram na segunda-feira com uma diferença de até R\$ 0,80 no litro. Uma apuração do **Repórter Me-**

tropole apontou que um dos postos na Avenida Heitor Dias havia fechado o preço da gasolina no domingo (7) em R\$5,79 e passou para R\$6,59 na manhã seguinte. O resultado pode significar R\$ 44 a mais para quem for encher um tanque médio de um carro.

Nesse posto, um condutor compartilhou que, para ele, encher o tanque agora é item de luxo e, evitando mais sofrimento além do hora de pagar a conta, ele deixou até de acompanhar as mudanças nos preços. "Tenho que abastecer de qualquer forma", diz.

A Acelen alega que os preços seguem critérios de mercado, "considerando variáveis como custo do petróleo, que é

adquirido a preços internacionais, dólar e frete, podendo variar para cima ou para baixo". Esse é o primeiro reajuste da Petrobras no ano, mas na Acelen e nos postos de Salvador, que seguem à frente do tempo, já é pelo menos o terceiro. Em abril, a empresa anunciou um aumento de 5,1% para as distribuidoras e em fevereiro, 3%. É por isso que para o consumidor ir a um posto é sempre uma surpresa - ou melhor, uma bomba. E como desgraça pouca é bobagem para o baiano, na semana passada o preço do GLT (gás de cozinha) também sofreu alteração, de 7%. Agora, ele pode chegar a R\$ 150. E os consumidores que se preparem para o efeito dominó desses cálculos.

R\$
362

é quanto está custando para encher um tanque de gasolina com capacidade de 55 litros



marcelo camargo/agência brasil



METROPOLÍTICA



Por Jairo Costa Júnior

Notícias exclusivas de maior repercussão da semana publicadas pela coluna política do Grupo Metropole



Aponte a câmera do celular para o QR Code ao lado e confira a coluna Metropolitica

Estilo linha-dura

A Guarda Municipal tem natureza civil, mas adotou um código de vestimenta tão rígido quanto o da Polícia Militar e das Forças Armadas. De acordo com portaria distribuída na sexta-feira (05) aos cerca de 1,3 mil agentes da corporação, os guardas do sexo masculino estão proibidos de usar brincos, correntes ou gargantilhas à mostra quando fardados. Para as mulheres, as normas têm rigor ainda maior. Todas deverão utilizar os cabelos presos, em “padrão coque”, e só poderão amarrá-los com redes e prendedores na cor preta ou no tom dos próprios cabelos. Também não poderão utilizar adereços que se destaquem na farda, como pulseiras, colares e brincos ou argolas que ultrapassem o lóbulo da orelha. Segundo lideranças sindicais, o comandante do órgão, Marcelo Silva, justificou o estilo linha-dura à necessidade de passar a imagem de sobriedade que a função exige e padronizar a forma de apresentação pública dos agentes. Curiosamente, Silva não tem trajetória profissional ligada às forças militares.

Só na multidão

Parlamentares baianos que integram a base aliada do Palácio do Planalto estão convictos de que a sobrevivência do governo Lula depende da criação de um conselho político composto por gente capaz de guiar corretamente o presidente nos próximos dois anos. Em conversas reservadas, avaliam que, ao contrário das duas primeiras gestões, Lula não possui hoje ao seu redor quadros com a experiência do ex-deputado Luiz Gushiken, que foi o chefe da Secretaria de Comunicação da Presidência; de Gilberto Carvalho, ex-ministro da Secretaria Geral da Presidência; e do próprio José Dirceu, outrora todo-poderoso comandante da Casa Civil. Todos, avaliam, recebiam atenção do presidente e sabiam dizer o que ele precisava ouvir, não o que gostaria de escutar. “A impressão que tenho hoje, e ela é compartilhada por muito da base, é de que falta a Lula gente capaz de evitar desacertos, sobretudo nas declarações à imprensa, no trato com o Congresso e nos discursos públicos”, confidenciou um deputado baiano com posto de destaque na bancada governista.

Projeto da Moura Dubeux no antigo Othon Palace pode provocar danos a espaço sagrado para o povo de santo



O que tem a ver a construção de outro megaempreendimento de luxo da Moura Dubeux na orla de Ondina e os adeptos do candomblé? Aparentemente nada, mas não é bem assim. É que a concessão de licença para a empreiteira pernambucana demolir parte do antigo Othon Palace e erguer no local um complexo residencial, turístico e comercial de alto padrão, confirmada ao **Metro1** pela prefeitura, ligou o alerta vermelho nos terreiros da capital, diante do receio de que o projeto provoque danos a um espaço sagrado para o povo de santo. Trata-se da Gruta de Obaluaê, situada nos fundos do hotel e usada há décadas para rituais em celebração ao orixá da cura e demais divindades de religiões de matriz africana.

“Solicitamos o tombamento municipal da gruta. O processo está em tramitação na Fundação Gregório de Mattos (FGM), e agora estamos correndo [para cumprir as exigências necessárias], já que a construção do complexo poderá trazer sérios problemas [para preservar o espaço]”, disse Leonel Monteiro, presidente da Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro Ameríndia (AFA), entidade que entrou com o requerimento na FGM para que o santuário seja tombado.

Laços de família

Irmão do deputado federal Elmar Nascimento (União Brasil), prefeito de Campo Formoso e pré-candidato à reeleição na cidade do norte baiano, Elmo Nascimento contratou duas empresas por R\$10,9 milhões para prestar, em pleno ano da sucessão municipal, serviços de locação de estruturas móveis para feiras e eventos. Até aí, nada demais. O problema é que uma das vencedoras do pregão eletrônico homologado em janeiro deste ano está ligada à família dos irmãos Nascimento e foi beneficiada com o maior montante do bolo milionário. De acordo com o Diário Oficial do Município, a MC Maia Serviços e Produções Artísticas abocanhou cinco dos nove lotes licitados pela prefeitura de Campo Formoso, ao custo total de R\$ 6,23 milhões. No cadastro de pessoa jurídica da Receita Federal, aparece como única dona da empresa Maiara Costa Maia, esposa de Marcelo Nascimento, que vem a ser primo do prefeito e do deputado federal. Embora não contrarie, em tese, dispositivos da Lei de Licitações, a oposição acusa Elmo Nascimento de favorecer familiares com o negócio milionário.

Livre da tranca

Alvo da nova fase da Faroeste, deflagrada nesta terça-feira (9) pela Polícia Federal, o advogado e ex-juiz eleitoral Rui Barata Filho chegou a ter a prisão solicitada pelo Ministério Público Federal (MPF). No entanto, o pedido foi negado pelo relator da operação no Superior Tribunal de Justiça (STJ), ministro Og Fernandes. Filho da desembargadora Lígia Maria Ramos Cunha, afastada do Tribunal de Justiça da Bahia (TJ) por suspeita de participar do esquema de venda de sentenças na corte, Barata Filho é apontado como um dos principais nomes sob a mira da operação que visa desmontar a rede de corrupção na cúpula do Judiciário no estado. Ele não foi achado em nenhum dos endereços que sofreram busca e apreensão. Acessadas por investigadores, imagens das câmeras de segurança do condomínio onde mora o também ex-juiz do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia mostram que Barata Filho saiu de casa no dia anterior, sem carregar qualquer bagagem e conversando tranquilamente pelo celular.



Cola aqui que é de graça

Cartazes, placas e pichações irregulares levam embora beleza da cidade e geram custo de R\$ 45 mil por mês aos cofres municipais

Texto **Daniela Gonzalez**
daniela.gonzalez@metro1.com.br

Nas ruas de Salvador, encontra-se de tudo. É poste oferecendo manutenção em fogão, muro prometendo trazer seu amor de volta, ponto de ônibus anunciando “empréstimo na hora”. Isso para não falar das figuras enigmáticas que se tornaram conhecidas na cidade graças a esses espaços, como o casal “Mário e Greyse Amor Prefeito”. Esta última, em particular, levanta grandes mistérios para os transeuntes da capital: afinal quem é esse Mário (por aqui, garantimos que não é o Kértész)? As pichações são campanhas políticas ou apenas um apaixonado que transforma patrimônios públicos em outdoors amorosos?

Passada toda a excentricidade dos quatro cantos da cidade e as suposições curiosas, amorosas e políticas, o que fica são muros, postes e pontos de ônibus transformados em um verdadeiro mural de mensagens que enfeia a cidade, como se já não bastassem os emaranhados de fios. Misturam-se promessas milagrosas de serviços, soluções amorosas e até facilidades financeiras questionáveis em uma galeria a céu aberto, um teatro de

absurdos.

Se para alguns é de graça, para a cidade sai bem caro. O prejuízo é material, financeiro e estético. Imagine o choque ao ver sua fachada histórica favorita transformada em um mural. Pichações em prédios, vias e equipamentos públicos têm custado, em média, R\$ 45 mil por mês aos cofres públicos de Salvador. Só no primeiro semestre do ano passado, foram apreendidos 35 mil peças de publicidade irregular nas ruas. Os responsáveis estão sujeitos a receber auto de infração e multa, que pode passar de R\$ 1 mil/m². No final das contas, pichações e cartazes só deveriam ser lucrativos para quem vende tinta e papel.

Enquanto tenta-se definir o que é socialmente aceitável, o que deve ser promovido ou evitado, surge um questionamento: como são conduzidas as fiscalizações diante da proliferação de tantos anúncios - com telefones de contato, inclusive, o que facilitaria a identificação dos responsáveis? A Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano (Sedur) afirma realizar operações diárias. No entanto, eles continuam poluindo a cidade e ganhando fama à custas da beleza da cidade.



metropress



tacio moreira/metropress



metropress



carla astolfo/metropress



carla astolfo/metropress

GOVERNO PRESENTE CUIDA DE GENTE

A Bahia cresce cada vez mais. E não é só por nossa cultura, que a cada dia é mais valorizada, nem por nossas belezas naturais bastante preservadas. Aqui, a gente se desenvolve porque também é uma terra que combate o preconceito e a fome, que apoia e confia na nossa agricultura familiar e investe em estrada boa e transporte moderno e confortável pra gente.

Na Bahia é assim:
nossa maior obra
é cuidar de gente.



ATRAÇÃO
DE TURISTAS



APOIO À
AGRICULTURA
FAMILIAR

COMBATE AO
PRECONCEITO



TRANSPORTE
MODERNO E
CONFORTÁVEL

BAHIA

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE